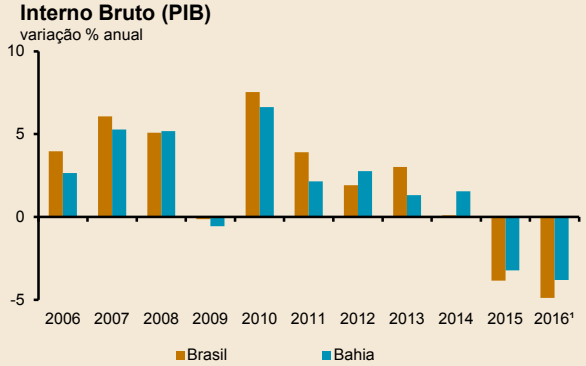
Economia baiana: estrutura produtiva e desempenho recente

Este boxe analisa a estrutura produtiva da economia baiana, seu desempenho recente e suas perspectivas no atual cenário econômico interno e externo. Análise semelhante foi realizada no Boletim Regional do Banco Central divulgado em julho/2012.

A economia baiana caracteriza-se por significativa concentração espacial, concentrada na Região Metropolitana de Salvador (RMS), com ênfase no Polo petroquímico de Camaçari e nas atividades do comércio e da administração pública. O surgimento de novos polos dinâmicos – cultura de grãos no oeste, fruticultura irrigada no sertão do São Francisco e produção de celulose no extremo sul – de baixa inserção nas cadeias produtivas locais e, em parte, voltados para a exportação, não modificou substancialmente a vulnerabilidade da economia do estado aos movimentos do mercado internacional. Por outro lado, a grande extensão do território baiano situado no semiárido – aproximadamente 70% da área do estado – tem limitado as possibilidades de transformação das bases econômicas e sociais. Mais recentemente, a implantação de novas indústrias de bens finais e a realização de investimentos no interior do estado sinalizam perspectivas de início de um processo de desconcentração espacial e de diversificação da matriz produtiva.

Gráfico 1 – Crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB)



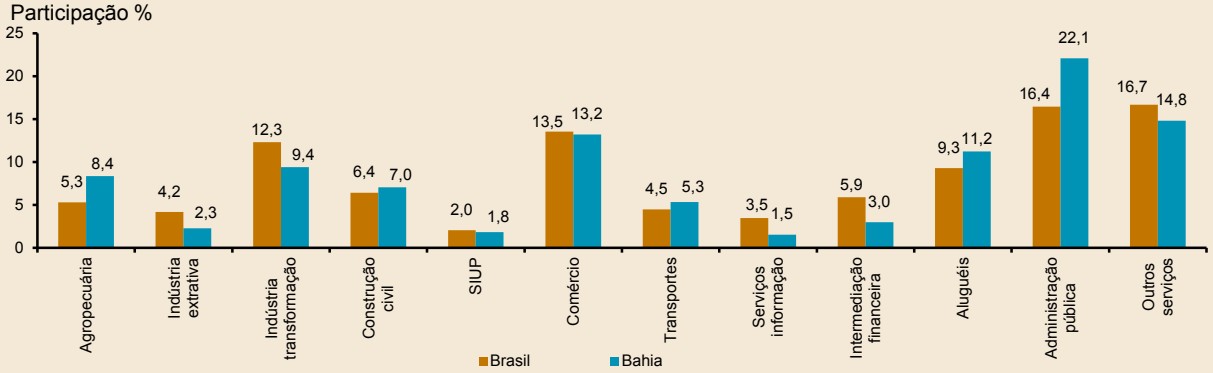
Fonte: IBGE; SEI.
1/ Do terceiro trimestre de 2015 ao segundo trimestre de 2016

Segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), a economia baiana registrou, a exemplo do observado em âmbito nacional, arrefecimento da atividade nos dois últimos anos. Nesse sentido, o Produto Interno Bruto (PIB) baiano recuou 3,2% em 2015, influenciado pelo recuo de 9,5% na indústria de transformação, e 3,8% em 2016[1], impactado pela retração de 15,1% na indústria extrativa, ante recuos respectivos de 3,9% e 4,9% no indicador nacional. O PIB *per capita* da Bahia atingiu R$15.400,00 em 2015, representando 53,4% do nacional, ante 46,5% em 2012.

1/ Do terceiro trimestre de 2015 ao segundo trimestre de 2016.

A composição setorial do Valor Adicionado Bruto (VAB) baiano distingue-se do nacional pela maior representatividade da agricultura, que respondeu, em média, por 7,9% do PIB na Bahia no período 2010 – 2015, ante 5,1% no Brasil. Na mesma base de comparação, o setor de serviços e a indústria representaram 69,6% e 22,4%, respectivamente, do PIB do estado, ante, na mesma ordem, 69,5% e 25,4% no país. Ressalte-se que a participação da agricultura no VAB registra, nos últimos anos, trajetória crescente no Brasil e tendência indefinida na Bahia.

Gráfico 2 – Valor Agregado Bruto (VAB) – 2015
Participação %



Fonte: IBGE; SEI

Ratificando a concentração espacial da atividade econômica no estado, estatísticas da SEI mostram que, em 2013, três municípios respondiam por 38,3% do PIB do estado: Salvador, com destaque para serviços (25,8%), Camaçari, onde estão situados importantes segmentos da indústria de transformação (7,2%), e Feira de Santana, município de ligação para as principais rodovias federais e estaduais e no qual também se localizam atividades industriais (5,3%).

Tabela 1 – PIB da Bahia por regiões econômicas – 2013

%

Regiões econômicas	PIB		Var. nominal
	R$ milhões	Distr. %	2013/2010
Bahia	**204 265,32**	**100,0**	**32,3**
Metropolitana de Salvador	85 281,07	41,8	20,0
Paraguaçu	17 793,17	8,7	51,8
Litoral Sul	16 808,31	8,2	40,1
Oeste	12 990,07	6,4	71,3
Sudoeste	11 614,35	5,7	38,5
Extremo Sul	10 640,35	5,2	28,2
Litoral Norte	10 726,08	5,3	53,2
Nordeste	9 097,50	4,5	17,9
Recôncavo Sul	7 595,09	3,7	55,2
Piemonte da Diamantina	4 618,62	2,3	31,6
Serra Geral	4 650,71	2,3	42,9
Baixo Médio São Francisco	4 280,56	2,1	32,0
Chapada Diamantina	3 287,77	1,6	39,5
Irecê	2 552,77	1,2	41,6
Médio São Francisco	2 328,88	1,1	47,6

Fonte: IBGE; SEI

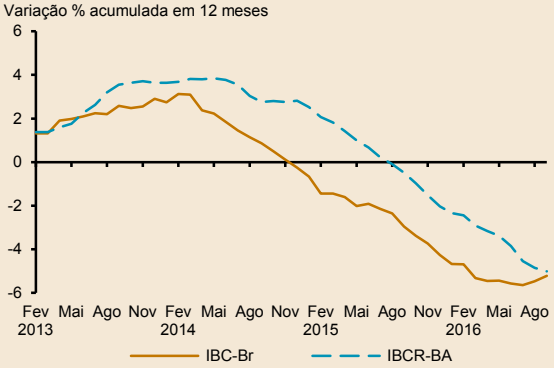
O Índice de Atividade Econômica Regional da Bahia (IBCR-BA) variou 2,8% em 2014 e -2,0% em 2015. No período de doze meses encerrado em setembro de 2016, o indicador retraiu 5,0%, ante recuo de 5,2% do índice nacional.

A agricultura baiana representou 6,5% do valor da produção agrícola (VPA) nacional em 2015, conforme a pesquisa Produção Agrícola Municipal (PAM), do IBGE, com participações de 6,0% na produção de grãos e de 7,1% nas demais lavouras.

A safra de grãos representou 48,5% do VPA do estado em 2015, com destaque paras as safras de algodão e de soja – segunda e sexta maiores do país,

Gráfico 3 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central

Variação % acumulada em 12 meses



Fonte: BCB

Tabela 2 – Principais produtos primários

%

Descrição	Participação no VPA da Bahia		Representação no Brasil	
	2005	2015	2005	2015
Total	100,0	100,0	6,9	6,5
Soja	16,0	25,9	4,9	4,9
Algodão	12,8	14,6	14,0	32,6
Cacau	6,9	7,3	66,3	58,7
Milho	6,1	6,7	4,3	3,9
Café	6,0	6,3	5,9	6,9
Banana	5,6	5,1	15,7	15,3
Mandioca	6,1	4,1	9,9	8,5
Feijão	6,5	3,6	12,4	10,4
Mamão	4,1	3,3	35,4	48,0
Cana-de-açúcar	4,0	2,7	2,0	1,0
Tomate	1,5	2,3	5,5	8,2
Coco-da-baía	2,8	2,1	31,6	31,7
Sisal	2,7	2,0	94,6	98,4
Batata-inglesa	1,4	1,8	5,0	7,4
Cebola	1,2	1,8	16,0	16,8
Maracujá	1,3	1,7	27,0	32,1
Laranja	2,6	1,5	4,3	4,7
Uva	2,8	1,0	12,4	7,7
Manga	3,0	1,0	46,9	20,5

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal

respectivamente -, que, em conjunto, representaram 38,0% do VPA daquele ano. No âmbito das demais culturas, a Bahia foi o maior produtor nacional de cacau e banana em 2015 (58,7% e 15,3% do VPA nacional, respectivamente), destacando-se também as produções de café, mandioca e cana-de-açúcar.

A safra de grãos da Bahia cresceu 60,0% nos últimos dez anos, atingindo 8,5 milhões de toneladas em 2015, com ênfase nos aumentos nas produções de soja (87,9%), milho (66,0%) e algodão (45,5%), cuja representatividade na produção nacional cresceu 7,0 p.p., para 29,4%, no período. Ressalte-se, ainda, o aumento da produção de feijão no estado, que após recuar 77,0% de 2005 a 2012, em consequência da severa estiagem que vem atingindo a área produtora baiana nos últimos anos, vem recuperando sua participação na agricultura brasileira.

De acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de setembro de 2016, do IBGE, a safra de grãos do estado deverá recuar 35,8% no ano, refletindo condições climáticas adversas que tem impactado todas as principais culturas do estado.

O Valor de Transformação Industrial (VTI) da Bahia atingiu R$44,4 bilhões em 2014 (4,0% do VTI do país, ante 5,0% em 2007), segundo a Pesquisa Industrial Anual – Empresa, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sua composição setorial revela predomínio da indústria de transformação, concentrada nas indústrias de derivados de petróleo e petroquímica, responsáveis por 28,9% e 16,6%, respectivamente, do VTI baiano no ano – embora representativa, a participação conjunta desses segmentos recuou 8,9 p.p. de 2007 a 2014.

Nesse contexto, o aumento da diversificação do parque industrial do estado registrado no período repercutiu, sobretudo, o dinamismo da indústria extrativa e de três segmentos da indústria de transformação: produtos alimentícios; produtos de borracha e material plástico; produtos de minerais não-metálicos, que em conjunto, foram responsáveis por 14,9% do VTI da Bahia em 2014 (9,2% em 2007). Vale ressaltar, ainda, a redução da participação da indústria automobilística, que passou de 10,7% do VTI, em 2011, para 4,9%, em 2014.

Em relação à participação na indústria brasileira, sobressaíram, de 2007 a 2014, os aumentos nas

representatividades dos segmentos celulose e papel, minerais não-metálicos, produtos de borracha e de material plástico, e metalurgia, contrastando com a redução da importância das atividades petroquímica e fabricação de petróleo.

Tabela 3 – Estrutura da produção industrial – Bahia

Atividades econômicas conforme Valor da Transformação Industrial (VTI)

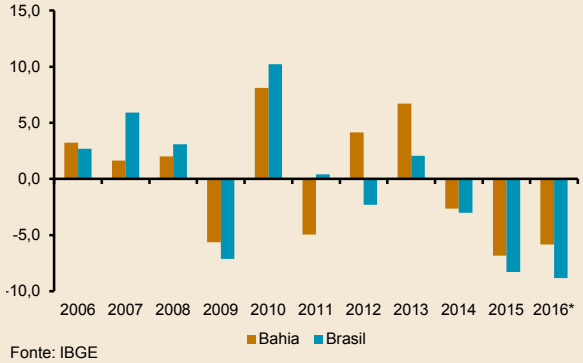
%

Atividades econômicas	Participação no VTI da Bahia		Representação no segmento industrial nacional	
	2007	2014	2007	2014
Indústrias extrativas	4,9	8,1	3,0	2,4
Indústrias de transformação	95,1	91,9	5,1	4,3
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	36,3	28,9	15,3	12,2
Fabricação de produtos químicos	19,0	16,6	12,3	9,6
Fabricação de produtos alimentícios	4,9	7,1	2,0	1,9
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	5,6	6,6	7,7	9,0
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	3,2	5,1	4,6	5,6
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	6,4	4,9	3,4	2,7
Metalurgia	3,8	4,1	2,4	3,4
Fabricação de bebidas	2,1	2,7	3,4	3,4
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	1,1	2,6	1,7	2,9
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	2,8	2,4	8,7	5,9
Outras atividades industriais	9,8	10,8	3,9	3,5
TOTAL DA INDÚSTRIA	100,0	100,0	5,0	4,0

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual - Empresa

Gráfico 4 – Produção Industrial

variação % anual



Fonte: IBGE

*2016: doze meses até setembro

De acordo com a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do IBGE, a indústria baiana cresceu 4,6% de 2005 a 2015, ante expansão de 2,2% no país. Destacaram-se, no período, aumentos significativos nas atividades celulose e papel (61,9%), fabricação de bebidas (61,3%) e minerais não-metálicos (51,2%), contrastando com os recuos nas indústrias de veículos (22,4%), metalurgia (17,4%) e produtos químicos (6,6%).

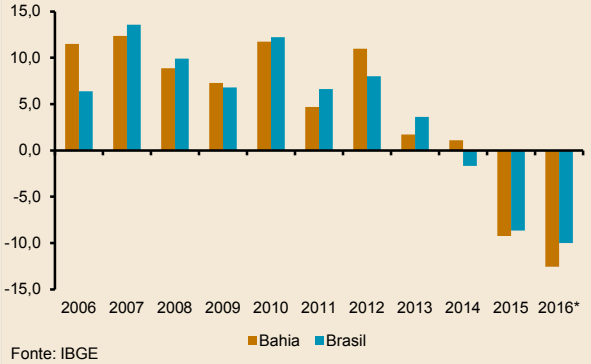
Vale ressaltar que a indústria baiana retraiu em 2011, repercutindo o impacto da interrupção no fornecimento de energia elétrica no primeiro trimestre daquele ano, especialmente sobre a produção das empresas instaladas no Polo de Camaçari. Em 2013, o setor cresceu 3,8%, ante expansão de 1,2% no país, destacando-se os desempenhos das atividades metalurgia básica (21,9%), impulsionado por investimentos em inovações tecnológicas para a modernização da produção de cobre e derivados; indústria automobilística (19,5%) e refino de petróleo e produção de álcool (13,2%).

Tabela 4 – Evolução do comércio varejista
2005-2015

Setores	Var. % média anual Bahia	Brasil
Comércio varejista	5,9	5,8
Combustíveis e lubrificantes	2,0	2,3
Hipermercados e supermercados	4,5	4,9
Tecidos, vestuário e calçados	3,3	2,5
Móveis e eletrodomésticos	10,0	7,7
Art. farmac., méd., ortopéd., de perf. e cosmét.	9,8	9,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	5,7	3,3
Equip. e mat. para escritório, informát. e comunic.	-4,8	15,1
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	16,5	10,1
Comércio varejista ampliado	5,9	5,5
Automóveis e motocicletas	6,5	4,8
Material de construção	3,5	4,5

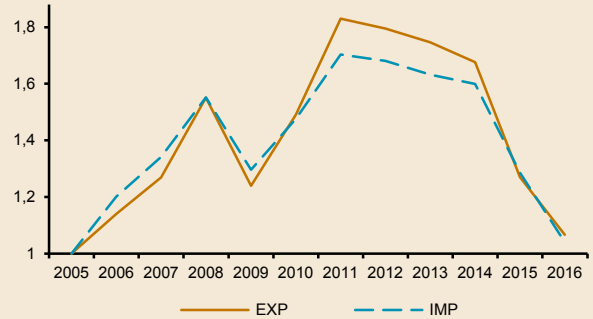
Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio

Gráfico 5 – Comércio Varejista Ampliado
variação % anual



Fonte: IBGE
*2016: doze meses até setembro

Gráfico 6 - Preços do comércio exterior da Bahia
índice acumulado (2005=1)



Fonte: MDIC

Em doze meses até setembro de 2016, a atividade industrial no estado recuou 5,8%, em comparação à retração de 8,8% em âmbito nacional, evolução condicionada, em grande parte, por recuos nos segmentos veículos (22,0%), produtos de minerais não-metálicos (17,0%) e derivados de petróleo (8,9%).

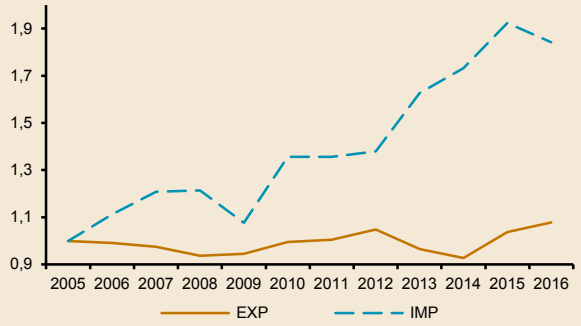
O volume de vendas do comércio ampliado registrou aumento médio anual de 5,9% de 2005 a 2015 (5,5% no país), de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE. Conforme observado em nível nacional, a crise econômica impactou o comércio ampliado baiano a partir de 2013, destacando-se, em ambiente de deterioração da renda das famílias e desaceleração do crédito, as retrações nas vendas de móveis e eletrodomésticos, combustíveis e lubrificantes e veículos, que acumularam recuos respectivos de 6,1%, 13,1% e 19,9% no triênio encerrado em 2015. O comércio ampliado do estado retraiu 12,5% no intervalo de doze meses encerrado em setembro de 2016, com ênfase nos desempenhos negativos das atividades combustíveis e lubrificantes (18,7%), veículos (12,7%) e material de construção (11,7%).

A balança comercial do estado registrou sucessivos *superávits* a partir de 2002, com destaque para o recorde de US$3,5 bilhões, em 2012.

As exportações apresentaram aumentos crescentes no triênio 2010-2012, favorecidos pela evolução dos preços das *commodities* e pelo crescimento das economias de importantes parceiros comerciais, em especial China e Mercosul. Após 2012, em cenário de declínio da demanda externa e redução nos preços das exportações, ocorreu a reversão da trajetória de expansão das vendas externas da Bahia. Nesse contexto, as exportações baianas registraram recuo anual de 11,2%, no triênio seguinte; e redução de 12,7% nos nove primeiros meses de 2016, em relação a igual intervalo de 2015.

As *commodities* representaram, em média, 63,2% das exportações baianas a parir de 2013, com destaque para celulose, petróleo, soja, cobre e algodão. Vale ressaltar que a participação dos manufaturados na pauta de exportação da Bahia recuou de 51,0%, em 2013, para 38,3%, em 2015, enquanto a dos produtos básicos aumentou 9,4 p.p., para 29,6%, no período.

Gráfico 7 - *Quantum* do comércio exterior da Bahia
índice acumulado (2005 = 1)



Fonte: MDIC

Tabela 5 – Volume Exportado, principais produtos e países
2013-2016*

US$ milhões

Descrição	China	EUA	Argentina	Demais países
Pastas químicas de madeira	2 453	380	0	2 337
Óleos Combustíveis	0	100	283	2 864
Soja	1 954	59	0	1 198
Hidrocarbonetos	16	913	4	1 106
Catodos de Cobre	1 743	33	0	131
Automóveis	0	0	1 447	393
Farelo extr.óleo.soja	2	0	0	1 386
Algodão	217	6	5	1 059
Pneumáticos	2	488	81	296
Cobre em barras, perfis, fios	35	0	451	271
Demais produtos	600	1 715	1 253	7 189

Fonte: MDIC
*Nove primeiros meses do ano

Tabela 6 – Volume importado, principais produtos e países
2013-2016*

US$ milhões

Descrição	Argentina	Chile	Argélia	Demais países
Naftas	113	0	3 511	2 372
Minérios de cobre	0	2 621	0	973
Automóveis	1 661	0	0	1 259
Veículos de carga	1 829	0	0	27
Motores, gerad. elétr.	0	0	0	1 096
Trigo	224	0	0	398
Catodos de cobre	0	439	0	113
Demais produtos	329	578	54	13 868

Fonte: MDIC
*Nove primeiros meses do ano

As vendas de básicos, que responderam por 24,5% do total exportado no período 2013-2016[2], concentraram-se em *commodities* agrícolas – soja, farelo de soja e algodão responderam por 74,1% das exportações da categoria, no período. Os embarques de produtos industrializados corresponderam a 75,5% do total, destacando-se óleos combustíveis, automóveis de passageiros e hidrocarbonetos, entre os manufaturados; e pastas químicas de madeira e catodos de cobre, entre os semimanufaturados.

China, EUA e Argentina adquiriram, em conjunto, 43,9% das exportações baianas no período. As compras da China concentraram-se em celulose, soja e catodos de cobre (87,6% do total) e as da Argentina, em automóveis de passageiros, óleos combustíveis e cobre (61,9% do total).

Refletindo a dinâmica da atividade econômica interna, as importações aumentaram, em média, 6,6% a.a. de 2008 a 2014, e recuaram 10,7% em 2015 e 22,5% nos nove primeiros meses de 2016, em relação a igual período do ano anterior.

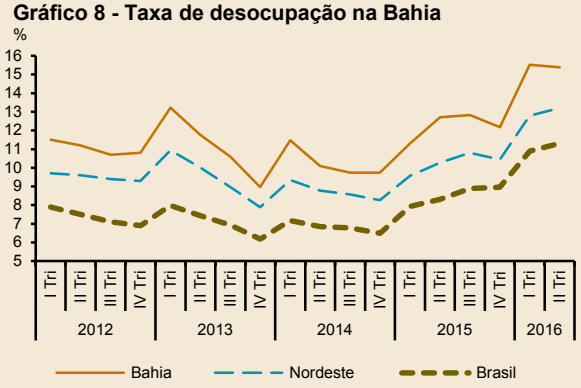
A retração das importações baianas registrada a partir de 2015 repercutiu reduções nas aquisições em todas as grandes categorias econômicas, exceto combustíveis e lubrificantes. As aquisições de bens intermediários, que corresponderam a 65,9% do total no período 2013-2016[3], apresentaram trajetória descendente nos dois últimos anos, destacando-se os recuos nas de naftas, minérios de cobre e trigo. O mesmo comportamento ocorreu com as compras de bens de consumo duráveis (10,9% do total), ressaltando-se a redução acentuada nas relativas a automóveis, e com as de bens de capital, em especial de veículos de carga e motores e geradores elétricos.

As importações provenientes da Argentina, Chile e Argélia representaram 36,1% das aquisições baianas no período 2013 a 2016. As importações originarias da Argentina concentraram-se em automóveis de passageiros, veículos de carga e trigo e as procedentes do Chile, em minérios de cobre e catodos de cobre.

A taxa de desocupação na Bahia atingiu, em média, 11,2% no período 2012 a 2015, ante 9,5% no

2/ Nove primeiros meses de 2016.
3/ Nove primeiros meses de 2016.

Gráfico 8 - Taxa de desocupação na Bahia



Fonte: IBGE/PNADC Trimestral

Tabela 7 – Geração de Postos Formais na Bahia

Setores	2013	2014	2015	2015 1/	2016 1/
Total	23 605	1 644	-83 076	-47 695	-39 984
Serviços	8 253	12 170	-21 230	-13 225	-15 819
Administração pública	636	7	-1 599	-53	1 652
Comércio	7 259	5 744	-11 470	-10 938	-13 927
Ind. de transformação	1 329	-3 149	-8 822	-1 662	-1 561
Construção civil	7 324	-9 796	-33 814	-26 234	-12 956
Agropecuária	-2 111	-2 776	-4 980	5 209	3 974
Outros 2/	915	-556	-1 161	-792	-1 347

Fonte: MTPS/Caged
1/ Período de janeiro a setembro de 2016
2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública e indústria extrativa

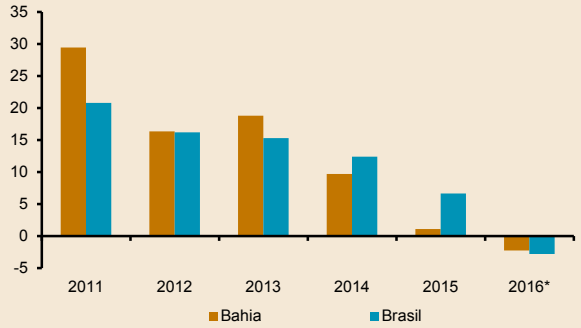
Tabela 8 – Distribuição das pessoas de 14 anos ou mais, na força de trabalho por nível de instrução
2º Trimestre 2016

%

	Bahia	Nordeste	Brasil
Sem instrução e menos de 1 ano	11,3	11,7	7,1
Fundamental ou equivalente incompleto	27,0	26,1	21,6
Fundamental ou equivalente completo	6,8	8,3	10,1
Médio ou equivalente incompleto	7,9	7,0	6,5
Médio ou equivalente completo	32,5	30,9	32,5
Superior ou equivalente incompleto	4,4	4,4	5,4
Superior ou equivalente completo	10,2	11,6	16,8

Fonte: PNAD Contínua/ IBGE

Gráfico 9 - Operações de crédito
variação % anual



Fonte: BCB
*Valores de 2016 referentes ao mês de agosto - variação de oito meses

Nordeste e 7,5% no Brasil, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), do IBGE. A taxa registra trajetória ascendente, situando-se em 12,3% em 2015 e em 15,5% no primeiro semestre de 2016, maior nível da série histórica. O desemprego atinge principalmente as mulheres (18,3%), aqueles que completaram o ensino fundamental, mas não completaram o ensino médio (21,9%) e os jovens com idade entre 14 a 24 anos (32,9%).

O rendimento médio real do trabalho na Bahia atingiu R$1.238,00 no segundo trimestre de 2016 (64,4% da média nacional, ante 68,3% no primeiro trimestre de 2012). O rendimento recuou 3,9% no estado, desde o início de 2012, ante expansões de 1,7% no Nordeste e de 1,8% no Brasil.

A economia do estado detinha 2,3 milhões empregos formais em 2015 (4,8% e 26,0% do total no país e na região), dos quais 59,4% no setor de serviços e na administração pública, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Previdência Social (Caged/MTPS). Ressalte-se que, em 2015, ocorreu corte de 83 mil vagas formais na Bahia, primeiro resultado negativo desde o início da série histórica em 1999. No mesmo sentido, houve eliminação de 40 mil postos de trabalho nos nove primeiros meses de 2016 dos quais 15,8 mil no setor de serviços, 13,9 mil no comércio e 13 mil na construção civil.

O saldo das operações de crédito na Bahia, consideradas operações superiores a R$1 mil, cresceu 98,5% de 2010 a 2015 (94,1% no país), atingindo R$112,44 bilhões ao final de 2015 (3,6% do total nacional). Houve expansão de 127,7% dos empréstimos a pessoas físicas (superior às registradas no Brasil e no Nordeste) e de 70,7% no segmento de pessoas jurídicas. Em agosto de 2016, o estoque de crédito recuou 2,2% em relação a dezembro de 2015, com aumento de 1,0% na carteira de pessoas físicas e recuo 6,3% na de pessoas jurídicas.

Os investimentos industriais realizados na Bahia ao longo de 2016 totalizam R$2,8 bilhões, com estimativa de geração de 5.182 empregos diretos. Desse total, 87,9% ocorreram no interior do estado, sugerindo interiorização da atividade econômica,

conforme dados preliminares da Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado da Bahia. Para 2017, estão previstos R$4,1 bilhões em investimentos, com a maior parte direcionada ao segmento de eletricidade e gás.

As perspectivas para a economia baiana, no médio prazo, condicionam-se aos impactos do ajuste do macroeconômico em curso, à concretização dos investimentos previstos e à maturação de investimentos realizados, que podem contribuir para a desconcentração espacial e diversificação da base produtiva do estado.